

ACARI, RJ, 20 DE JANEIRO DE 1995

*Senhor Governador Marcello Alencar; Dona Célia; Ruth; Meu amigo Rubem César; Betinho; Ex-Governador Gustavo Correia da Rocha; Senhores Parlamentares que aqui estão; Senhora Lídia Mello, Diretora da Fábrica; Participantes do Movimento Viva Rio; Senhoras e Senhores; Altas Autoridades Cíveis e Militares;*

Fiz muita questão de estar aqui, hoje, não só porque o dia é do Rio de Janeiro, da minha cidade natal, como também porque nós queríamos que a primeira visita oficial do novo Presidente da República estivesse ligada, simbolicamente, como já foi aqui ressaltado pelos que me antecederam, a um movimento e a uma situação que, eu creio, são expressivos do esforço que o Brasil está fazendo, e precisa fazer, para que as coisas mudem, para que as mudanças aconteçam.

Foi com muita, eu diria, emoção que, ao descer aqui, nesta região de Acari e ver a população, quebrei um pouco as regras do protocolo e da segurança, porque queria dar o primeiro aperto de mão nos moradores desta região, para que isso significasse que, nos dias de hoje, para viver em sociedade, não nos podemos olhar uns aos outros nem com descon-

fiança, nem com presunção. Ou nós nos damos as mãos, ou não vamos conseguir fazer aquilo que todos desejamos. Não basta desejar. Neste cantinho, é preciso construir, é preciso que nós todos sejamos artífices de uma nova situação, que permita expressar, na prática, a concreção dessa esperança que, em todas as gerações, nós vemos desenhada nas nossas palavras, às vezes nos olhares, nos gestos, mas que custa para que ela se transforme em realidade.

O Brasil mudou mesmo. O Brasil hoje é outro, é outro país, é outra sociedade. Isso é visível, isso é sensível, pela minha condição de sociólogo e pelo que foi aqui levantado pelos que me antecederam, que também o são. Parece que nós temos alguma divergenciazinha, porque aqui há alguns antropólogos infiltrados. (*Risos.*)

De qualquer forma, eu noto, pela minha experiência de vida, que dá para perceber o quanto mudou. Quando comecei a fazer pesquisa, há muitos anos, as primeiras que fiz foram em favelas, porque eu me dedicava ao estudo de relações entre brancos e negros. E as favelas do Sul do Brasil, na época, eu conheci praticamente todas, a começar por São Paulo. Eram favelas e cortiços. Naquela altura, me chamava a atenção um fenômeno que é o oposto ao de hoje. Talvez houvesse segurança, mas não era uma segurança positiva, porque era a segurança da submissão. Ninguém tinha medo de ir à favela, porque havia submissão. Depois veio o momento do medo. Agora, este aqui é um outro passo, que é sem medo e sem submissão. Nem submissão por parte da população, nem terror por parte daqueles que se sentem, por serem privilegiados, alvos fáceis dos que estão excluídos.

É este o novo momento do Brasil, o momento que só vai ter, realmente, viabilidade se nós nos juntarmos, nos vários níveis de governo. É muito positivo nós estarmos, aqui, com o Governador Marcello Alencar, com a mesma disposição, assim como também é muito positivo saber que o Prefeito está com a mesma disposição, que também sei que está. Há momentos da História em que os partidos ficam pequenos – e quem diz isso é um homem que teve a vida inteira dedicada à formação de partidos –, os partidos ficam pequenos diante da grandeza dos desafios e das oportunidades que em todos eles existem. Não é o mo-

mento de nós nos separarmos por firulas. Amanhã ou depois, em época de eleição, aí de novo os partidos jogam um papel fundamental.

Mas o momento da construção do novo país é de união, união que não pode ser feita, repito, na submissão, na imposição. Tem que ser feita no diálogo, tem que ser feita com espírito aberto, mas tem que ser feita motivada por aquilo que é fundamental, que é mudar efetivamente as condições de vida do povo brasileiro.

No discurso, que fiz, de posse, eu me referi a um grande brasileiro, que foi Joaquim Nabuco, não para comparar-me a ele, mas porque a tarefa da nossa geração se compara à da geração de Nabuco.

Ou nós resgatamos, no mandato que hoje temos, expresso pela cidadania, a miséria do povo, ou nós teremos falhado na nossa missão. Não se resgata a miséria de um povo em quatro anos, e eu não teria a vã pretensão de imaginar que isso fosse obra de uma pessoa, nem sequer de um Governo; isso será obra de uma geração. Mas essa obra já começou, não tem que ser começada. Já começou e tem que prosseguir, e prosseguirá de maneira efetiva, passo a passo.

Além dessa questão premente, basta olhar em volta, na rua, a questão social premente, basta saber que aqui, há pouco tempo, existia uma feira de carros roubados, de alguma maneira tolerável, porque não havia como superá-la, e hoje já está superada. Da mesma maneira que existe a questão dramática no plano social, existe uma outra, que também é simbólica, no plano da cidadania e no plano, eu diria, cultural-afetivo, que é a recuperação do Rio como espelho do Brasil.

Isso não é uma questão minha: é nossa, nossa, dos brasileiros. É claro que há muitos pedaços do Brasil que necessitam de reerguimento. Não vou nem fazer comparações, porque há regiões que estão, talvez, ainda, em estado de urgência maior do que aqui: basta ter visto o que eu vi na seca do Nordeste.

Mas o Rio simboliza, de alguma maneira, o conjunto do País. E nós não podemos deixar que a cidade se degrade, não podemos conviver com a idéia de que o Rio seja inabitável, porque seria uma perda, não para os cariocas, mas para o País e, até certo ponto, para a humanidade. Não se pode deixar que isso ocorra a uma grande cidade tropical –

porque o Rio é isso, o Rio é um torrão raro, em termos civilizatórios, é uma grande cidade moderna e tropical, onde a floresta invade o mar, onde o calor nos assola a todos, nos esgota a todos, e aqui se fez cultura, se fez civilização, a despeito de tudo isso.

Então, esse sentido supera qualquer bairrismo, é uma questão mais ampla, e isso tem que ser revisto. Às vezes, com gestos simples. Aqui, o Rubem César enumerou uma série de possibilidades. Esta Fábrica de Esperança é o exemplo vivo de que, quando a sociedade se sente tocada, ela atua, e as coisas começam a mudar. Faz-se com o fundo, com o patrimônio do estado; é fácil, nós vamos fazer esse fundo, é necessário fazê-lo. É necessário.

Devo dizer que o Governo Federal já tentou fazer e não conseguiu: tentou vender próprios do INPS, ou de alguns de seus órgãos, e não conseguiu, porque não era o momento. Agora é o momento, e o caminho é esse mesmo, concretamente. Está localizado um imóvel que pode ser alienado? Então, vamos aliená-lo para o bem, para fazer um fundo, que não vai ser dilapidado, corroído, mas vai constituir uma fonte perene de recursos para a ação da cidadania em prol do Rio de Janeiro.

Nós vamos fazer. Haverá percalços, haverá mil problemas. Eu não consegui, quando Ministro da Fazenda, passar para o Santos Futebol Clube – o Pelé me cobrou isso outro dia – um terreno que eles usam há décadas. Por embaraços legais, não foi possível ampliar o comodato lá de maneira mais estável. Mas nós temos que quebrar também essas estruturas obsoletas da burocracia, de setores dela e, às vezes, de uma mentalidade jurídicista, que impede o avanço. Vamos quebrá-las. (*Palmas*.) Quando há legitimidade para quebrá-las, os organismos sociais são sensíveis, o Congresso é sensível, refaz-se a lei. Não é quebrar pela vontade imperial de ninguém: é pela consciência comum da cidadania. Vamos fazer esse fundo.

Aqui houve referências a algumas outras necessidades urgentes do Rio de Janeiro. Eu não quero me antecipar às discussões que terei com o Governador, que terei com o Prefeito, mas nós estamos no mesmo caminho. E o anseio de que haja algum pólo de desenvolvimento econômico mais firme no Rio de Janeiro é nosso também. Tentei ler no

avião um calhamaço do porto de Sepetiba, mas a companhia foi muito agradável, e, entre a companhia dos parlamentares que vieram comigo e o relatório, deixei o relatório para depois. Mas eu o leri em tempo hábil de conversar com o Governador e saber o que é que nós vamos poder efetivamente fazer com o porto de Sepetiba, porque é algo palpável.

Também toda gente sabe que existe o teleporto, que o Rio de Janeiro tem todas as condições de ser uma espécie de capital do *software* e de permitir que haja a utilização da inteligência nacional e local para que possa, a partir daí, render não só divisas, mas emprego. E o Rio de Janeiro precisa de emprego. Aqui, nesta Fábrica de Esperança, serão treinados milhares de crianças, que terão que se ocupar depois. É preciso haver investimento para que essas coisas possam acontecer.

Em suma, eu queria mais uma vez agradecer a possibilidade de ter vindo aqui, ao Rubem César, ao Movimento Viva Rio, ao Governador, que está aqui ao meu lado – e sempre estivemos juntos e estaremos juntos pelo Rio de Janeiro –, a todos os que aqui estão, aos senhores Ministros que me acompanham nesta oportunidade; e dizer que espero que esta visita, que tem esse sentido simbólico, não seja a última, porque nós vamos estar aqui, o quanto possível, participando ativamente da vida do Rio de Janeiro e, através do Rio de Janeiro, espelhando e espraiando pelo Brasil, com a ajuda de todos vocês, e eu ajudando a vocês também. Esta, a grande mensagem, que é a principal do Brasil de hoje: esperança, muita esperança e muito trabalho.

Muito obrigado.

